

9. Uma história em prosa e verso contada por Natalino, Cáceres

Rosana Lia Ravache³⁴

Jeane Aparecida Rombi de Godoy³⁵

RESUMO: Este artigo descreve a presença de Cáceres-MT na obra de Natalino Ferreira Mendes, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras. A abordagem é qualitativa com objetivo descritivo, através de pesquisa bibliográfica. Demonstra-se a paixão de Natalino e seu orgulho de nascença na “princesinha do Paraguai”, relatada em verso e prosa nas obras do acadêmico.

Palavras-chave: Natalino Ferreira Mendes; Cáceres; Memória.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

A STORY IN PROSE AND VERSE TOLD BY NATALINO, CÁCERES

ABSTRACT: This article describes the presence of Cáceres, Mato Grosso, in the work of Natalino Ferreira Mendes, a member of the Historical and Geographical Institute of Mato Grosso and the Mato Grosso Academy of Letters. The article uses a qualitative approach with a descriptive purpose, based on bibliographic research. It demonstrates Natalino's passion and natural pride in the “little princess of Paraguay,” recounted in verse and prose in the scholar's works.

Keywords: Natalino Ferreira Mendes; Cáceres; Memory.

Introdução

O professor Natalino Ferreira Mendes, nasceu em Cáceres-MT, em 3 de janeiro de 1924, e faleceu no dia 23 de dezembro de 2011, na mesma cidade.

34 Pós-doutora em Arquitetura e Urbanismo e doutora em Geografia Humana.

35 Pós-doutora e doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Cacerense “até a medula”, dedicou grande parte da sua vida a enaltecer, em canto, prosa e verso, sua terra e motivar a sociedade a conhecer este pedacinho de terra que até a metade do século XX pouca gente conhecia.

Este artigo descreve a presença de Cáceres-MT na obra de Natalino Ferreira Mendes, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e da Academia Mato-grossense de Letras (AML).

A abordagem é qualitativa com objetivo descritivo, através de pesquisa bibliográfica.

Natalino e Cáceres: Amor de nascença

Cáceres, principal cidade do Pantanal Mato-grossense a fazer fronteira com a Bolívia, está na microrregião do Alto Pantanal e tem hoje uma população estimada em 91.626 (IBGE, 2024).

Na ata de fundação ditada por Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, em 6 de outubro de 1778, constavam os seguintes termos que podem ser assim resumidos:

Anno de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1778, aos 6 dias do mez de outubro do dito anno, n'este districto do rio Paraguay e margem oriental d'elle, no lugar onde presentemente se dirige a estrada que se seguia à Cuyabá desde Villa Bella, sendo presente o Tenente de Dragões Antonio Pinto do rego e Carvalho, por elle foi dito que tinha passado e esse dito lugar por ordem do Ilmo. e Exm. Snr. Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General d'esta Capitania de Mato Grosso, para com effeito fundar erigir e consolidar uma povoação civilizada onde se congregassem todo o maior número de moradores possível comprehendidos todos os casaes de índios castelhanos proximamente desertados para estes Domínios Portuguezes da Província de Chiquitos, que fazem o número de 78 indivíduos de ambos os excessos a que juntando-se todo o número das pessoas congregadas para o dito fim faz o total de 161 indivíduos de ambos os sexos, a que juntando-se todo o numero das demais pessoas congregadas para o dito fim faz o total d 161 individuos de ambos os sexos; cuja população segundo as ordens do dito, se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de Sua Majestade – Villa Maria do Paraguay, - esperando-se que de semelhante

estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e comodidade pública; (Mendes, 2009)

Dáí, por mais alguns parágrafos, a carta de fundação de Cáceres estabelece várias normas a serem seguidas por seus habitantes, tanto para a construção de casas como para o planejamento urbano.

O poeta Natalino contou este capítulo da história de um modo muito peculiar em seu poema “**Cáceres – Princesa do Alto Paraguai**”³⁶:

Descia o rio dos Paiaguás
princesa linda das terras diamantinas
do alto Paraguai.

Vinha de longe, muito longe,
num airoso barco ornado
de Vitórias-Régias...
– Seu nome ninguém sabe.

Encantada com a visão
das terras que se espraíam
desde o rio

até a Serrania Azul
do lado que o sol nasce,
à praia abicou
no ponto em que o Paraguai
graciosa curva descreve
antes de procurar o sul.

Caía a tarde merencória...

A princesa, admirada,
quedou-se a contemplar
o maravilhoso pôr-do-sol
que da margem do rio
se aprecia

Em êxtase ficou
voltada para o poente...

Alguns naturais acorreram

36 Mendes (1993).

e, plantando suas choças
de folhas de palmeira,
fizeram-lhe a corte.
Assim nasceu Cáceres,
a princesa do alto Paraguai.
Até hoje, pelas cercanias
da cidade, na estação chuvosa,
as Vitórias-Régias
das enseadas e baías
cobrem-se de flores,
relembrando a viagem da princesa peregrina
do alto Paraguai.

De acordo com J. C. Freitas Barros, em relato sobre as notas que encontrou nos apontamentos de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, em 1952, Cáceres gozava de uma situação excelente, enquanto a navegação fluvial proporcionava o movimento comercial para São Paulo, paralelo ao incremento da fronteira sudoeste.

Além da fertilidade do solo, houve o descobrimento do ouro no rio Cabaçal, aumentando ainda mais a expectativa de que a vila estivesse destinada a se desenvolver rapidamente. Mas isto não aconteceu.

Os rumores de perigo rondando a fronteira e a mudança do poder político-administrativo de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá, deixou Cáceres entre a primeira capital da província e o novo centro administrativo. As duas cidades, importantes para o novo direcionamento das políticas na província, acabaram empurrando Cáceres para o ostracismo e a entregaram à sua própria sorte.

Entretanto, a fertilidade do solo local, com abundantes recursos hídricos e a resiliência do seu povo, fizeram de Cáceres um ponto de referência na região, por meio do destaque alcançado pela Fazenda Jacobina:

Jacobina é contemporânea da fundação de Cáceres. Já em 1786 tinha roça no local, conforme registrou Ricardo Franco que por ali passou de regresso de Cuiabá a Vila-Bela, donde saíra em missão exploradora. [...] Em 1827. Segundo testemunho de Hercules Florense, Jacobina era a mais rica fazenda da Província, tanto e área como em produção. Avaliava-se

em sessenta mil o número de reses que povoavam os campos jacobinos. Diz mais o citado autor que para os trabalhos da fazenda havia duzentos escravos. As roças abrangiam canaviais, plantações de mandioca, feijão, cereais e café para abastecimento dos núcleos adjacentes. Possuía, também engenho movido a força hidráulica. (Mendes, 1973).

Para Oliveira Viana, Jacobina teria sido a célula-*mater* não só de Vila Maria do Paraguai, primeiro nome de Cáceres, mas também de todo o vale do rio Paraguai.

Paralelamente, a necessidade de defesa da fronteira sudoeste de Mato Grosso, além da comunicação pelo rio Paraguai entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá, amenizou os rumores de perigo na região de Cáceres e ratificaram sua importância na conexão com a capitania de São Paulo até 1748, quando foi criada a capitania de Mato Grosso.

Pelo Decreto nº 1.782, firmado em 14 de Julho de 1856, é promulgado o Tratado de Amizade, Navegação e Commercio entre o Império do Brasil e a República do Paraguay, completado com o tratado de 1859, quando o rio Paraguai se abre à navegação franca, em todo o seu percurso, e Jacobina transfere sua importância comercial para Vila Maria do Paraguai, que é alçada à condição de porto principal, e passa a contar com um lucrativo comércio para o norte e para o sul, agora capitaneado por embarcações que transportavam poaia, borracha e peles, resultado da indústria extrativa da região e retornavam com mercadorias finas, como sedas, cristais e louças vindas da Europa. Assim nascia uma permuta que acabou aproximando a comunidade cacerense do convívio social com os grandes centros no Brasil e no exterior.

E o poeta Natalino relembra com saudades do...

PORTO NOVO³⁷

Lembro-me bem,
Estava eu nos meus dez anos,
de existência,
abrindo a consciência
para as surpresas do mundo.

37 Mendes (2010).

Ao meu redor a família
e, fora de casa, a cidade
que eu aos poucos dominava.

Por esse tempo, era costume, em noites de luar,
saírem as pessoas a passeio
pelas ruas e praças – adultos e crianças –
apreciando a lua-cheia
e a paisagem da cidade.

Numa dessas noites,
fomos ver o “porto novo”,
que a intendência construía
no velho ancoradouro do “Fonseca”
na rua dos Operários,
no ponto de travessia
do rio Paraguai.

Envelheceu o “porto novo”.
Hoje ninguém dele já se lembra...
Mas ficou-me a visão
do renovado porto do “Fonseca”
numa noite enluarada.

Em 1860, a então Vila-Maria do Paraguai já contava com sua Câmara Municipal, mas só em 1874 foi elevada à categoria de cidade, com o nome de São Luiz de Cáceres, homenageando, no mesmo nome, ao padroeiro e o fundador da cidade.

Em fevereiro de 1883, foi assentado na Praça da Matriz, atual Barão do Rio Branco, o Marco Jauru, peça arquitetônica, seccionada em duas partes, uma portuguesa e outra espanhola, erguida em 1750, com a finalidade de demarcar a fronteira territorial, estabelecida pelo Tratado de Madri, entre os domínios espanhóis e portugueses na América do Sul, selando o fim das disputas territoriais entre os dois países na América.

O Marco do Jauru é conhecido como o símbolo da soberania brasileira na fronteira oeste, pois foi justamente desta região que veio a maior parte

do 6º contingente do batalhão do Exército Brasileiro presente na Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti, apelidado de “Força Jauru”, em homenagem ao marco.

O monumento comemorativo ao Tratado de Madri (1750) é lembrado pelo poeta Natalino em seu livro Anhuma do Pantanal, com:

MARCO DO JAURU³⁸

Guardando velhos arcanos
Da gente antiga, valente,
— Dos Lusos e Castelhanos,
Como um gigante imponente
Jaz na praça principal,
Desta terra hospitaleira,
Em frente da Catedral,
Velho Marco de Fronteira.
Traz nas faces as legendas
Das conquistas ideais...
— A vitória nas contendias
Entre dois povos rivais.
Atestado da potência
Do português valoroso
Na longa, antiga pendência
Co'o vizinho poderoso
O Tratado comemora
De setecentos cinquenta
Celebrado em boa hora
Com Castela sempre atenta;
Disciplinando a expansão
Dos dois reinos colossais,
Que se valem da ocasião
Dos parentescos reais!
Ele nos lembra GUSMÃO

38 Mendes (1993).

— Contrerrâneo original,
Alcunhado com razão
Na Espanha, em Portugal,
Por seus feitos e valia
(Alma forte e varonil!)
“O pai da Diplomacia”
Que muito honrou o Brasil.

O monumento está instalado diante da Catedral de São Luís, cuja construção iniciou em 1919, enfrentou uma série de obstáculos, como problemas estruturais e o falecimento precoce do arquiteto Leon Joseph Louis Mounier, responsável pelo projeto e também pelo desenho da Igreja do Bom Despacho em Cuiabá.

Na sua estrutura se percebe a forte influência da arquitetura francesa da Catedral de Notre Dame, em Paris, evidenciando um estilo que combina elementos góticos e neogóticos.

Em 1949, a estrutura sofreu danos significativos, provocando questionamentos sobre a viabilidade de conclusão do projeto. Entretanto, a persistência da comunidade local e o compromisso do Bispo D. Máximo Biennés foram decisivos para que a construção fosse finalmente completada em 1965.

Tanto a Catedral como o Marco Jauru, são monumentos que têm grande importância histórica, arquitetônica e turística para o município e, por isso, são mantidos com todo zelo pelas administrações municipais.

Quando em 1938, o município que passou a se chamar apenas Cáceres, o movimento no rio Paraguai havia aumentado ainda mais a importância do porto, de onde partiam lanchas com destino a Corumbá levando poaia (ou ipecacuanha), como é conhecida a Carapicheia ipecacuanha, que recentemente foi classificada como vulnerável à extinção, constando, inclusive, na lista vermelha da flora do Brasil. A planta é uma espécie medicinal brasileira que tem em suas raízes dois princípios ativos importantes para a indústria farmacêutica: a emetina e a cefalina. A partir deles é possível produzir expectorantes, anti-amebicidas e anti-inflamatórios. Bastante conhecido no Brasil, o xarope Melagrião possui em sua composição princípios ativos da poaia que Natalino homenageou focando o poaieiro:

O POAIEIRO³⁹

Nos sertões da minha terra,
Em meio à floresta escura,
Onde rondam feras mil
E toda sorte de agrura,
Com ciosa avareza,
Escondeu a natureza,
Com cuidado e com justeza,
A POAIA negra e pura
Mas o homem destas plagas
— Sertanejo aventureiro,
Descobrimo a rica planta,
Arbusto bem brasileiro,
Com firme disposição
Dela fez exploração.
E se tornou desde então
O conhecido Poaieiro.
Eis renasce nesse herói
Da aventura o sentimento
Herdado de seus maiores!
Só escuta um chamamento:
É da mata que fascina!
— Ali jaz alguma mina!
Parte alegre – é sua sina!
A buscar o encantamento!
Ei-lo já em meio à selva
Rica, imensa, luxuriante,
Guiado só pelo instinto,
Que bom rumo lhe garante.
Vai rompendo a cordoalha
Do cipoal – qual muralha –
Sem mais coisa que lhe valha
além do braço possante.

39 Mendes (1993).

No coração da floresta,
Numa zona mais sombria,
Seu rancho humilde constrói
A faina principia:
Traz consigo o saracuí
O facão, o sapicuá,
Co'ò excitante guaraná;
— Espingarda e... ousadia!

De manhã segue p'ra lida
Abrindo, com seu facão,
Picadas para avançar.
Cada dia, do sertão
Vai entrando mais no meio.
Fura o mato sujo e feio,
Marcha firme, sem receio,
Com a fé no coração.

Anda o dia todo à cata
Da raiz ambicionada.
O mistério ronda em torno:
Essa floresta assombrada,
Que vara com valentia,
Em sua alma simples cria
Visões mil e fantasia
Que têm sempre alertada!

Pressente em torno de si
Perigo tal que o abafa:
A feroz onça pintada!
Dos insetos não se safa,
Nem da cobra venenosa...
Além de tudo assombrosa,
Surge a figura asquerosa
Do cruel Pé-de-garrafa!
Já bem longe vai andando

Da mata no coração,
Atento ao pio das aves,
Sozinho na solidão...
E, num trecho da floresta
Escura, sua alma em festa,
Dos ramos por uma fresta,
Divisa um rico “fogão”!

— “Um canteiro de Poaia!
Está compensada a fadiga!”
Co’o saracuí já trabalha
Não há dor, fera inimiga:
Tudo jaz no esquecimento.
Colhe a erva... Em pensamento
Vê-se rico num momento
— “Terra boa! Terra amiga!”

Cheia a sacola, à tardinha,
Procura o rancho o mateiro.
Cansado de solidão,
Vai gritando ao companheiro
No rumo da feitoria.
A tarde cai lenta e fria:
Uma funda nostalgia
Cai na alma do Poaieiro...

É anônimo herói
Esse audaz bandeirante:
Sob chuva copiosa
Ou sob o sol escaldante,
Enfrenta de peito aberto,
O tempo, a fera, o deserto,
Atrás de um tesouro incerto,
Que gera a mata estuante!

Corre atrás do fogo-fátuo
Da riqueza que o domina,
Inconsciente, talvez,
Que o mundo a ele se inclina.
Presta auxílio, de verdade,
À ciência, à sociedade,
À inteira humanidade,
Fornecendo-lhe a emetina!

Além da poaia, a região desenvolveu o plantio de seringueiras e a extração da borracha passou a exercer forte atração sobre empreendedores visionários desde o início da segunda metade do século XIX.

A borracha natural, proveniente do látex, substância extraída da seringueira, é nativa da Amazônia e fonte de vários produtos. Seu principal produto, o látex, quando coagulado, dá origem à borracha natural.

A atividade extrativista do látex se revelou de imediato muito lucrativa na região de Cáceres, e a borracha natural logo conquistou um lugar de destaque no comércio, como nas indústrias europeias e norte americanas, alcançando elevado preço. Isto fez com que diversas pessoas viessem ao Brasil na intenção de conhecer a seringueira, métodos e processos de extração, a fim de também lucrarem de alguma forma com aquela riqueza.

Dentre as pessoas que se interessaram pelos resultados lucrativos da borracha, estava o inglês Henry Wickham, responsável pelo contrabando de aproximadamente 70 mil sementes de seringueira, *Hevea brasiliensis*, encaminhadas ao *Royal Botanic Gardens*, em Londres, em 1876. Depois de selecionadas geneticamente, estas sementes foram enviadas para plantações inglesas na Malásia e, quarenta anos mais tarde, com a extração do látex das plantas adultas, a Inglaterra dominou o mercado da borracha e os seringais brasileiros entraram em declínio, levando à bancarrota seus produtores e parte da população cacerense.

Resiliente, a população tornou a se fortalecer com a produção de charque, uma carne salgada e seca ao sol, com o objetivo de mantê-la própria para o consumo por mais tempo. As condições de isolamento da região incentivaram a salga e a exposição solar das carnes que eram empilhadas como mantas em lugares secos para desidratação. O charque, produzido do mes-

mo modo como era feito no Altiplano Andino, servia, basicamente, para a alimentação de trabalhadores e escravos.

Já o couro, preparado com pele de animais, era curtido com as mesmas técnicas dos tempos ancestrais, sendo trabalhados com grande variedade de estilos e decorados com uma ampla gama de desenhos e recortes aplicados em objetos nobres ou na confecção de diversos artefatos, tanto para o uso humano, como calçados, roupas, bolsas, além serem usados nas encadernações de livros, acessórios e móveis.

Como afirma o Prof. Natalino,

O homem que aqui se fixou, revelou, desde logo, as suas tendências modeladas pelas energias do meio físico a que se adaptou. Tornou-se ele o trabalhador rural, o agregado, o vaqueiro, o canoeiro, o boiadeiro, o tropeiro, o peão, o carreiro, o pescador, e, continuando o espírito aventureiro dos ancestrais, fez também o garimpeiro, o seringueiro, o poiaieiro, que sustentou rendoso comércio por muito anos em nosso município (Mendes, 2021).

Graças a este perfil de pantaneiro inabalável, o cacerense alavancou o desenvolvimento econômico nas áreas portuária e pecuária, enquanto continuava a estimular a atividade extrativista, aproveitando sua localização privilegiada, no cruzamento das rodovias BR070/174 e 364 com o rio Paraguai, hidrovía com importante papel na política de integração latino-americana chegando à enseada da “baía de Cáceres”, assim interpretada pelo poeta em seu livro Pássaro “Vim-Vim” – Poesia da Terra:

BAÍA DE CÁCERES⁴⁰

Enseada que se formou
do próprio curso do rio
desviado
por ação da mão humana.
Eis a baía de Cáceres
remanso das tranquilas águas.

40 Mendes (2010).

Na graça de tua forma
Sinuosa
beijando as barrancas
do nosso centro urbano,
campões, ó baía,
com os balaústres do porto,
a ilha verdejante e o céu da tarde,
cambiante de cores,
o fenômeno sem-par
do pôr-do-sol cacerense
O espetáculo é todo nosso!
Por isso te chamamos,
enseada amiga,
carinhosamente
Baía de Cáceres.

Foi amalgamado neste cadinho de sonhos e frustrações, sucessos e derrotas, marchas e contramarchas, que se moldou o perfil cacerense e fez do Prof. Natalino um narrador da cultura e da história dessa região que, por muito tempo, ficou isolada protegendo a fronteira do Brasil.

Como ele mesmo relata, em Fragmentos da História Cultural de Cáceres e outros fios da memória, organizado por Olga Maria Castrillon Mendes, com base na entrevista do ex-prefeito, Sr. Antônio Ferreira Souto, em 1953:

O principal motivo do isolamento de Cáceres foi a falta de comunicação rápida. Esta situação começou a modificar com a ligação aérea a partir dos anos trinta. A aproximação das metrópoles com o sertão exerceu influência benéfica para o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso. Chegam a estas longínquas paragens, frequentemente, homens de negócios, industriais, representantes de empresas colonizadoras, os quais se mostram vivamente interessados no desbravamento de nossas terras (Mendes, 2021).

No prefácio do livro Anhuma do Pantanal, Dr. Carlos Alberto Reyes Maldonado enaltece o texto do Prof. Natalino, identificando-o como pantaneiro...

Viajando nas “hidroletras” de poemas aquáticos pelo inteiro Pantanal e até o sul-atlântico, remando versos livres como estes dedicados ao rio Paraguai [...] A presença indígena permeia, nas nomenclaturas e passagens, uma visão fugaz do processo do seu abugramento, e entre uma poesia e outra, o brado forte nominante do Jauru, as lembranças do que foram Parecis, Guatós, Caburés, Guaranis, - de senhores originários de toda pujança da terra e personagens secundários, sacrificados indistintamente na paz e na guerra (Mendes, 1993).

Ao ilustrá-lo com este perfil, o então presidente da Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (Fesmat), Maldonado, rendeu homenagens ao grande poeta, memorialista, historiador e jornalista, cujos textos, frutos de pesquisas históricas em arquivos públicos e particulares, o elevaram ao patamar de um dos principais intelectuais da região, que dedicou sua vida à educação e à conservação da memória cultural da região, e se destacou como jornalista por meio dos artigos publicados em diversos jornais e revistas, incluindo a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHG-MT) e da Academia Mato-grossense de Letras (AML), onde ocupou a cadeira nº 15.

Como funcionário da Prefeitura de Cáceres, participou ativamente dos eventos da cidade e a sua paixão pela história local o levou a realizar pesquisas que resultaram em uma obra rica em detalhes que refletem, como vimos até aqui, sua profunda conexão com Cáceres.

Para falar sobre a sua contribuição, amplamente reconhecida na cultura mato-grossense pela expressão do seu talento, Natalino perenizou o cotidiano de Cáceres transpirando-o com seu modo muito peculiar de captar a emoção emanada pelo rio Paraguai amalgamada nas almas cacerenses.

Entre suas obras estão: História de Cáceres: administração municipal (1973 e 2009); Marco do Jauru (1983); Efemérides cacerenses vol I e II (1992); Anhuma do Pantanal: poesia da terra (1993); Memória cacerense (1998); História de Cáceres: origem, evolução, presença da Força Armada (2010); Pássaro Vim-Vim: poesia da terra (2010).

Ninguém melhor que o professor Natalino viveu o que expressou seu amor à pátria, como a revelada no texto em homenagem à independência do Brasil, em 1971:

A vida de um povo está cimentada de suores, sacrifícios e sangue. Uma civilização custa inúmeras vidas, quer dadas em holocausto à cauda pública, quer consumidas inteiras em estudos, meditação e pesquisa. Em toda parte, os homens, em essência, são iguais: filhos da terra que os prende pelo corpo, procuram pelo espírito, alçar o voo através do tempo e do espaço, sondando atrás dos fenômenos uma nova realidade (Mendes, 1993).

A vida deste memorialista trouxe até nós, por meio de sua pesquisa histórica, a análise da evolução da sociedade cacerense que não só marcou sua população, como deu a pauta para muitos setores da política mato-grossense ao longo do tempo.

As teclas da máquina de escrever que transbordaram a emoção e o amor por sua terra e por sua gente, desnudaram o idealismo e a subjetividade, atônitos diante das formas assumidas pela realidade local que, dentro do seu próprio tempo, confessava o início do materialismo que se manifestava com mais ênfase a partir da década de 1990.

Mesmo que os novos tempos o encontrassem meio aturdido diante do cabedal de novas informações, mesmo que as pessoas se permitissem chamar aquela metamorfose de evolução racional do capital, o poeta voou e gritou como a Anhuma do Pantanal, que “havia algo estranho penetrando em nosso espaço”, mas não recuou e, com um grito diferente, continuou sentindo, absorvendo todo o novo conhecimento para lhe dar outros enfoques, réstias de experiências próprias movidas por um empirismo cidadão.

ANHUMA DO PANTANAL⁴¹

Um grito ecoa
Estridente, na calada da campina alagadiça.
— “Atenção! Bicharada,
estranho penetrando em nosso espaço!”
É grito da Anhuma
empoleirada em alto galho
num capão de mato em meio ao campo aberto.

41 Mendes (1993).

Novo grito, sinal de que o desconhecido
mais penetra em seus domínios.
E quando mais perto chega intruso,
alça o vôo o alado guarda
em busca de outra árvore
mais longe,
gritando sempre,
como se dissesse:
— “quem puder se salve!”
A essa hora a caça esquiva
Já procurou outras paragens
mais seguras,
escapando ao caçador.
Pra mim, ave do Pantanal
da minha terra,
teu grito tem sentido diferente,
É um encantamento
que me conduz ao logo do passado,
Despertando, lá da infância,
a primeira Anhuma
que escutei
à beira da baia do Malheiros
nas vizinhanças da cidade.
Não morreu aquela ave
passados tantos anos!
Adormeceu, apenas...
E quando hoje, uma irmã sua
Canta.
lá desperta ela
com toda carga de recordações
que, na solidão da beira da baia,
mais se animam
e se aproximam...
como se tudo fosse um ontem.
Canta, Anhuma pantaneira,
tal e qual a vez primeira,

infante, te vi cantar.
Canta, canta, ave amiga!
Enche o ar de emoção
para que, no coração,
nunca morra
a Anhuma da minha infância.

O historiador Natalino Ferreira Mendes narra em seus livros que, em meados do século passado, Vila-Maria do Paraguai experimentou algum progresso, graças ao advento do ciclo da indústria extrativa, que tinha entre seus principais produtos a criação de gado, a borracha, a ipecacuanha, que possibilitaram a abertura da navegação fluvial.

Para homenagear este novo passo, ele cria o poema Vapor Etrúria, em homenagem ao Etrúria, vapor com 30 cavalos de força, com acomodações para passageiros de ré e de proa, além de porões de carga que, durante muitos anos, fez a rota de Corumbá a Cáceres (Mendes, 2021).

VAPOR ETRÚRIA⁴²

Um longo apito ecoa sonoro!
— Etrúria!... Diz o povo emocionado.
Já o porto de gente está apinhado:
— Eis, na volta do rio, o barco airoso.

Anos mais de cinquenta, no passado,
Ligaste a Corumbá, Vapor formoso,
A Urbe de Albuquerque (nome honroso)
— Único meio de transporte usado.

Assim, tanto te uniste à nossa vida
No abraço da chegada e da partida,
Que símbolo já eras da cidade.

42 Mendes (1993).

Etrúria!... O Paraguai está vazio...
Fecharam-se o cais... Mas tu, navio,
Continuas vivendo na saudade.

Esta singela síntese apresenta um pouco da trajetória do Prof. Natalino Ferreira Mendes que continua a ser celebrada e conservada por meio de iniciativas culturais e educacionais, refletindo sua importância na história e na cultura de Mato Grosso.

Considerações

Ao falar sobre este eminente mato-grossense, é essencial destacar seu papel como guardião da memória de Cáceres e sua dedicação em registrar e proteger a história e a cultura de seu povo por meio de suas múltiplas atividades como educador, pesquisador e escritor, que deixou um legado inesquecível para Cáceres e Mato Grosso, sendo lembrado por sua dedicação à educação, à cultura e à conservação da memória histórica da região.

Referências

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria (Org.) *Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória*. Vol 1. Natalino Ferreira Mendes, 1ª ed. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: história da administração municipal*. Tomo 1. Cáceres: Câmara Municipal de Cáceres, 1973.

_____. *Anhuma do Pantanal* (Poesia da Terra). Cáceres: Academia Mato-grossense de Letras, 1993.

_____. *História de Cáceres: história da administração municipal*. 2ª ed. Revisão e atualização pelo autor. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 2009.

_____. *Pássaro Vim-vim: poesia da terra*. Cáceres, MT: Editora da Unemat, 2010.

